

A CIDADE ACOLHEDORA

BRASÍLIA RECEBEU PESSOAS DE VÁRIOS ESTADOS, QUE VIERAM EM BUSCA DE NOVAS OPORTUNIDADES. E ELA LHE DEU. NA INICIATIVA PRIVADA, EM ÓRGÃOS PÚBLICOS, EM ONGS...

POR UMA VIDA MELHOR

Já dizia o hino escrito por Capitão Furtado: Brasília é a capital da esperança. Por muito tempo — e ainda hoje —, assim foi vista a “mais fantástica cidade”, como um lugar promissor para quem luta por um futuro melhor. A própria construção daqui passou essa ideia de recomeço para diversas famílias, das mais variadas origens, que vieram tentar a vida na então cidade-bebê. E muitas conseguiram, como diz a música, transformar o sonho em realidade.

A história de Rita Salazar Pereira, de 50 anos, tem grande parte de suas raízes na capital, apesar de ela ter nascido bem distante daqui — em Santa Teresa, no Maranhão. Com apenas 10 anos, foi para o município de Codó a fim de trabalhar como babá, já que o pai havia falecido quando ela tinha somente um mês de vida, e a mãe não desfrutava de uma vida com muitos recursos. Lá, Rita ficou até 1978 — quando, então com 18 anos, veio para Brasília. “Mande uma carta para a minha madrinha, que já morava aqui, e ela falou com uma colega de trabalho que precisava de alguém para cuidar da filha”, conta. Então ela veio. “Se você quiser vencer, tem que perseverar”, dá a receita.

Trabalhou nesse emprego conseguido pela madrinha por quase dois anos — e depois se tornou funcionária no comércio. Em abril de 1990, porém, surgiu a oportunidade imperdível. Uma colega chegou com sua inscrição para um concurso público, que, à época, não indicava para qual órgão seria destinada a vaga. O pouco tempo de estudo — Rita tem o ensino fundamental

Brasília, capital da esperança

Letra: Capitão Furtado
Música: Simão Neto

Em meio à terra virgem desbravada
na mais esplendorosa alvorada
feliz como um sorriso de criança
um sonho transformou-se em realidade
surgiu a mais fantástica cidade
“Brasília, capital da esperança”

Desperta o gigante brasileiro
desperta e proclama ao mundo inteiro
num brado de orgulho e confiança:
nasceu a linda Brasília
a “capital da esperança”

A fibra dos heroicos bandeirantes
persiste nos humildes e gigantes
que provam com ardor sua punjança,
nesta obra de arrojo que é Brasília.
Nós temos a oitava maravilha
“Brasília, capital da esperança”.

Cadu Gomes/CB/D.A Press



Raimundo Nonato: mesma idade da cidade, onde montou sua academia

BRASÍLIA COPIA ALGUMA
COISA? É PARECIDA COM
ALGUMA COISA? NÃO.
BRASÍLIA É CÂNONE, É
UMA NORMA, UMA PAUTA,
UMA REGRA”

DARCY RIBEIRO, ANTROPÓLOGO

incompleto — não a impediu de alcançar seu objetivo. “Foi o primeiro concurso que fiz e passei. Fui para a Secretaria da Fazenda, onde estou até hoje”, diz.

Claro que, na época, passar assim, de repente, em um concurso público era bem mais fácil do que hoje. Foi com a Constituição de 1988, artigo 37, que se tornou obrigatória a realização desse tipo de prova para a posse em cargos públicos. Desde então, a realidade de luta por vagas mudou bastante. Em 1990, por exemplo, eram 1.338.155 servidores civis do Executivo. Hoje, são mais de 2 milhões nas três esferas de Poder.

Segundo dados do Ministério do Trabalho e do IBGE, apresentados pela Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos (Anpac), cerca de 21% dos trabalhadores brasileiros são empregados na área pública. Mas isso não quer dizer que ficou mais fácil — já que a população também cresceu. Pelo contrário: hoje, há aproximadamente 10 milhões de inscrições em provas por ano.

EMPREENDEDORES

Apesar de ser conhecida como uma cidade de servidores públicos, Brasília também abriga pessoas que, vindas de outros lugares, conseguiram se sair bem como empresários ou funcionários de empresas particulares. Um exemplo de quem atingiu o objetivo aqui, e nessa área, é Raimundo Nonato Rodrigues Lopes, que neste ano, assim como a capital, completa 50 anos de idade. Dono da academia Dom

Bosco, Nonato nasceu na cidade de Floriano, no Piauí, e veio para cá com apenas oito anos, acompanhado dos pais e dos seis irmãos, a partir da influência do tio que já morava por aqui. “Meu pai era pedreiro e veio para trabalhar na construção. Desde então, moro no mesmo lugar, na Vila Planalto, onde vivem os filhos e netos dos pioneiros”, relata.

Foi na Vila Planalto, perto do Setor de Clubes Norte, que ele teve contato com o esporte, ainda pequeno, apaixonando-se de cara pelo tênis. “Na época, o acesso era muito diferente. Tinha que ser muito rico ou trabalhar para jogar. Então me agarrei no tênis como oportunidade de trabalho, me tornei gandula. Assim, pude aprender o esporte, pela vivência. Era ter aula grátis, porque ficava vendo como funcionava”, lembra.

Aos 16 anos, Nonato começou a dar aulas. A experiência e o reconhecimento foram crescendo a ponto de ele conseguir alunos ilustres para treinos particulares em domicílio, como o ex-presidente Fernando Collor. “Eu era personal tênis”, brinca. Foi justamente esse relacionamento com o tênis que o levou a implantar uma escolinha no colégio Dom Bosco. “O Tênis para todos era a atração das 18 horas. Muita gente não sabia o que era o esporte, principalmente os populares”, conta. “Eu construí as quadras, convenci o padre de que ele tinha uma área desperdiçada.” A partir dessa escola, iniciada há 20 anos, acabou surgindo a academia Dom Bosco, que já registra 10 anos em operação, hoje com uma média de 2 mil alunos.